



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

11 DE AGOSTO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA — DF

DISCURSO POR OCASIÃO DA ASSINA-  
TURA DE ATOS INTERNACIONAIS EN-  
TRE O GOVERNO DO BRASIL E DA  
VENEZUELA

Excelentíssimo Senhor Presidente  
da República da Venezuela Luís Herrera Campins:

Esta cerimônia reflete, no seu expressivo significa-  
do, o passado e o presente de 160 anos de relações entre  
o Brasil e a Venezuela.

Abreu e Lima, no seu uniforme de general de  
Bolívar, com a insígnia solitária da Ordem dos Liberta-  
dores, única que costumava usar, evoca o ponto de par-  
tida. Nasciam então as duas nações.

O primeiro traço de união entre elas resultou, por-  
tanto, — e cabe sublinhá-lo — do impulso espontâneo  
do cidadão, da iniciativa desassombrada de um homem  
apaixonado pela liberdade.

Caracterizando o momento presente, a Declaração  
que firmamos é como que a síntese do que somos após  
século e meio de história. É o resumo do que pensamos  
e praticamos, nossa visão do mundo, o perfil de nossa  
personalidade internacional.

As vastas áreas de coincidência entre as concepções da Venezuela e do Brasil sobre os princípios básicos da convivência internacional, sobre os grandes problemas contemporâneos, sobre a América Latina, revelam a admirável identidade de nossas aspirações por um mundo de paz, progresso e justiça social.

No cotidiano trabalhoso e em constante mudança das relações diplomáticas, as visitas presidenciais marcam momentos destacados, em que podemos dar um balanço no panorama dos esforços realizados.

Ao iniciarmos a atual fase de nossas relações, era extensa e pesada a agenda dos projetos por concretizar. O Pacto Amazônico não passava de uma idéia. O diálogo do Brasil com o Grupo Andino apenas ensaiava as primeiras linhas.

Hoje, assinado e ratificado por oito países, o Tratado de Cooperação Amazônica é realidade sólida que, há menos de um ano, reuniu seus Chanceleres em Belém do Pará e agora se prepara para convocar seu Conselho em Lima.

Entre o Brasil e o Grupo Andino desenvolveram-se, da mesma forma, vínculos múltiplos, flexíveis, traduzidos em mecanismos permanentes de colaboração e consulta.

Está praticamente terminado o arcabouço institucional das relações bilaterais, obra de arquitetura diplomática destinada a sustentar as iniciativas específicas. Já dispomos do Convênio de Amizade e Cooperação, moldura geral e roteiro de trabalho, que opera através do mecanismo da Comissão de Coordenação.

Completam o conjunto o Convênio de Cooperação em Ciência e Tecnologia, o moderno Acordo Cultural, os acordos sobre bancos, saúde, drogas, bitributação, o *memorandum* de cooperação sobre energia nuclear.

Todos esses documentos estão implantados e em operação, com sensíveis resultados no domínio do concreto.

Em menos de 4 anos, saltamos de 8 para 100 mil barris diários de petróleo importado da Venezuela. O intercâmbio comercial nos dois sentidos, que era de 300 milhões de dólares, já ultrapassa 1 bilhão. Em 1980, nossas importações de produtos venezuelanos cresceram a uma taxa de quase 150% em relação ao ano anterior.

Os bancos e grandes empresas de cada país começam a ter presença permanente nos centros econômicos do outro. Estamos construindo, juntos, gigantesca obra de infra-estrutura.

Como se vê, foi acelerada a velocidade das transformações. O momento agora é de consolidação dos avanços, de aprofundamento das bases, de pleno aproveitamento e aplicação dos numerosos instrumentos internacionais já existentes.

Essa tarefa inclui a busca de novas oportunidades objetivas e pragmáticas de colaboração para benefício mútuo. Oportunidades que possibilitem, dentro de um quadro de globalidade, a participação de cada um dos parceiros em grandes projetos industriais ou agropecuários de interesse prioritário.

Por esses meios práticos, assim como pela intensificação que temos imprimido às nossas consultas sobre temas internacionais, estamos hoje consolidando, por ca-

minhos diversos mas com o mesmo fim, a independência iniciada há quase dois séculos — consolidação indispensável ao aperfeiçoamento democrático.

Ao recordar o momento distante em que brasileiros e venezuelanos começamos a assumir nosso próprio destino, é um grato dever de reparação histórica voltar a Abreu e Lima.

Filho de um mártir da Revolução de 1817, um dos mais importantes movimentos brasileiros de autonomia, Capitão de Artilharia pela Academia Real Militar, José Inácio de Abreu e Lima foi uma figura em alto grau representativa da Era do Romantismo, do agitado início do Século 19, período de revolução marcante na política e nas artes.

Veterano de sete anos de lutas sob as ordens de Bolívar, combatente das batalhas libertadoras de Carabobo, onde foi ferido, e de Boyacá, polemista temível fiel ao Libertador até a morte, ajudante-de-ordens do General José Antonio Paéz, a quem deveu a promoção a Coronel, Abreu e Lima desenvolveu, ao voltar ao Brasil, fecunda carreira de historiador e escritor.

Não abandonou porém, mesmo na velhice, o espírito de inconformismo, o amor à luta e à liberdade. Envolveu-se na Revolta Praieira e, pouco antes de morrer, em polêmicas religiosas.

No Recife, irá Vossa Excelência encontrar, no túmulo em que repousa há 112 anos, o soldado e intelectual que escolheu para epitáfio a frase: «Aqui Jaz O Cidadão Brasileiro General José Inácio D'Abreu e Lima, Propugnador Esforçado da Liberdade de Consciência».

Nunca o esqueceram na Venezuela. Seu nome encima a coluna dos combatentes estrangeiros da Avenida dos Próceres e tem recebido homenagens de instituições civis e militares.

Faltava, porém, devolvê-lo ao convívio dos seus antigos camaradas de armas, aqueles com quem lutou ombro a ombro, Bolívar, Sucre, Paéz, Soubllette, Urdaneta, cujas figuras honram o Salão Elíptico do Congresso Nacional em Caracas.

Esperando que, um dia, o nome daquele que representou o primeiro traço de união entre nossas pátrias seja dado à estrada que liga Manaus a Caracas, entrego, com emoção, a Vossa Excelência este retrato do General José Inácio de Abreu e Lima. No Salão Elíptico, na Caracas que tanto amou, debaixo das armas entrelaçadas do Brasil e da Venezuela, irá juntar-se a seus companheiros o herói brasileiro, símbolo perene da amizade indestrutível entre os nossos dois povos.